

DOENÇA E CURA NO GRUPO INDÍGENA WASUSU

José Francisco Serafim¹

RESUMO: Este texto traz considerações acerca das representações da doença e da cura para o grupo indígena Wasusu (família linguística Nambiquara) e aponta a importância do papel do Xamã, como restaurador da ordem e do equilíbrio, no momento da terapia espiritual.

Palavras-chave: cura, doença, grupo indígena, Brasil

ABSTRACT: This text brings considerations concerning the representations of the illness and the cure for the indigenous group Wasusu (linguistic family Nambiquara) and points the importance of the shaman as a restorer of order and balance at the moment of the spiritual therapy.

Key words: healing, illness, indigenous group, Brazil.

RÉSUMÉ: Ce texte apporte des considérations concernant les représentations de la maladie et de la cure pour le groupe indigène Wasusu (famille linguistique Nammbiquara) et montre l'importance du rôle du chaman comme restaurateur de l'ordre et de l'équilibre au moment de la thérapie espirituelle.

Mots-clés: cure, maladie, groupe indigène, Brésil.

O grupo indígena Wasusu vive a oeste do Estado de Mato Grosso e pertence culturalmente e linguisticamente ao grupo Nambiquara. Os Nambiquara vivem no interior de três reservas indígenas, sendo que os Wasusu vivem na Reserva Indígena Vale do Guaporé. A população do grupo Nambiquara está em torno de 1.000 pessoas e a dos Wasusu de 70.

Segundo um dos pesquisadores que esteve entre os Nambiquara, nos anos 1930, Claude Lévi-Strauss, a organização social dos Nambiquara é difícil de ser analisada. A noção empírica de casa parece ser a mais simples e a mais clara, pois “de-

¹ Doutor pela Universidade Paris X – Nanterre (França) em Cinema Documentário, professor de cinema documentário na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA.



Figura 1 – Ser mítico, Kanasu¹.



Figura 2 – Mulher Wasusu.



Figura 3 – Homem wasusu.



Figura 4 – Menina wasusu.



Figura 5 – Ser mítico, Atasu.

signa o conjunto dos indivíduos que se reúnem a noite e dormem em torno do mesmo fogo

(1948, p. 45). Observa-se que para os Wasusu o grupo familiar é a unidade social de referência, sendo que o sistema de parentesco constitui a base da organização social.

Na sociedade nambiquara, cada grupo dispõe de um chefe, mas o poder deste não é diretamente observável. O papel do chefe revela-se no momento de conflitos intertribais, ou então nos conflitos com a sociedade brasileira (madeireiros, garimpeiros, fazendeiros etc.). A transmissão do estatuto de

¹ Desenhos de Ada Wasusu, realizados em setembro de 1996.



chefe nem sempre é hereditária. No entanto, algumas condições são necessárias, como afirmam os próprios Wasusu: “é preciso ser forte, grande, bom caçador”. Outra característica ou atributo observado naquele que ocupa o papel de chefia é que este é o único a quem é autorizada a poligamia.

No que diz respeito ao domínio xamânico, o conhecimento dos rituais e dos poderes xamânicos é, para os Nambiquara, partilhado por toda a sociedade, tanto pelos homens como pelas mulheres. No entanto, somente um homem do grupo é socialmente reconhecido como xamã. A função deste último é a de estabelecer o equilíbrio entre o mundo daqueles que vivem em sociedade e dos seres da floresta, dos quais os mortos fazem parte, a fim de restaurar a harmonia cosmológica.

O território wasusu é constituído na sua maior parte por florestas. Existe igualmente pouca vegetação de cerrado e formações rochosas (cavernas, grutas, rochas). As rochas têm uma grande importância no que diz respeito à origem mítica do grupo. O xamã dos Wasusu relatou, nesse sentido, um dos mitos fundadores do grupo:

“Inicialmente as rochas caíram do céu. Dentro delas havia muita gente: crianças, homens e mulheres. Era muito escuro dentro das rochas, mas muito claro fora delas. Todos aqueles que estavam no interior choravam. Então, um pássaro da floresta, frisu, ouvindo o barulho do choro, tentou abrir a rocha com seu bico. Após ter batido muitas vezes, ele quebrou o bico, sem conseguir abrir a rocha. As pessoas que estavam no interior continuaram a chorar. Então chegou outro pássaro, *Kanasu* (figura 1). Ele bateu com seu bico na rocha e conseguiu abri-la. Então, todas as pessoas saíram, homens, mulheres e crianças (figuras 2, 3 e 4). *Kanasu* escolheu aquelas que podiam ficar fora da rocha; somente puderam sair os que estavam em boa saúde. Depois, quando aqueles que estavam dentro da rocha ficaram saudáveis, puderam sair”.

Observamos nesse mito fundador do grupo a grande importância que os Wasusu depositam nas questões relativas à saúde. Estar doente é sempre um estado anormal, frequentemente ocasionado por causas externas: envenenamento, magia etc.

As cavernas representam a ligação entre dois mundos, o dos vivos e o dos espíritos, onde os indígenas permanecerão após a morte. É nesse local que, após a passagem corporal pela terra, o espírito do indígena retorna para sempre, dessa vez no corpo de um animal. Num passado mítico, essas rochas e cavernas estavam no céu, antes de caírem na terra, o que explica sem dúvida os conhecimentos cosmológicos dos Wasusu e as estreitas relações que eles estabelecem com os astros e estrelas.

É, sobretudo à noite, que acontecem as atividades rituais, inclusive, de forma surpreendente, as crianças somente nascem à noite. A noite é o momento onde se canta, onde se tocam as flautas sagradas e igualmente quando se contam os mitos e histórias aos membros do grupo (adultos e crianças). É também o momento onde se observa o céu para buscar uma estrela que indica o período no qual as árvores derrubadas da nova roça devem ser queimadas. É também o momento onde se fica assustado com as estrelas filantes, os *atasu* (figura 4), animais míticos maléficos, que se parecem com um grande gorila, e que caem na terra para raptar as pessoas e conduzi-las para o além. É então à noite que se entra em contato com os espíritos, através do som das flautas, e que se realizam os rituais xamânicos. As atividades do dia seguinte são guiadas pelos signos observados durante a noite. Os Wasusu estão sempre muito atentos àquilo que o céu e suas constelações lhes anunciam.

Nós não encontramos nos Wasusu especializações vinculadas às competências pessoais, com exceção do chefe e do xamã. Este último, além de suas atividades agrícolas e de caça, tem por tarefa cuidar do corpo e do espírito dos doentes. Ele tem proximidade com o mundo dos espíritos, pois é através dele e de seus cantos que os espíritos retornam à terra, a fim de guiar os vivos e buscar uma solução para os seus problemas. Os wasusu sabem diferenciar entre uma doença de *kwatiasu* (branco) e uma doença ligada aos espíritos. No primeiro caso, eles buscam os medicamentos dos brancos, no segundo, eles procuram o xamã.

Observamos durante nossa permanência no grupo Wasusu um ritual terapêutico. Tratava-se de um jovem de 20 anos, que não tinha mais forças para trabalhar. Seu estado não apresentava melho-

ras, apesar das medicações de branco aliadas às da floresta. A cura xamânica começou no início da noite, dentro da casa do doente. Este estava deitado no solo em torno dele formava-se um círculo de homens e mulheres sentados no chão, a mulher do doente estava sentada a seus pés e sua sogra à proximidade de sua cabeça. Todos cantaram aproximadamente por duas horas. A mulher do doente enrolava cigarros de tabaco que eram em seguida acesos e passados de mão em mão, inclusive às mulheres que habitualmente não fumam. O sogro e a sogra do doente sopravam sobre seu corpo com a fumaça dos cigarros. O xamã que estava presente se deitou no corpo do doente e fez movimentos de sucção no abdômen do jovem, cuspiu em seguida em sua mão e mostrou aos outros o que havia extraído do corpo do doente. Algum tempo depois, o xamã e o sogro do doente saíram da casa a fim de buscar o espírito que iria ajudá-los. Durante esse período, que durou aproximadamente uma hora, os outros continuaram a entoar os cantos xamânicos. Quando os dois homens retornaram fazendo barulho de animais todas as velas da casa foram apagadas e foi no escuro que os dois homens entraram. Eles ocuparam o mesmo lugar onde estavam antes de sair e começaram a falar com uma voz diferente da habitual, em um tom muito mais grave. O “espírito” explicou que todos os problemas do doente estavam vinculados ao homem branco, que invadia as terras wasusu. Esta discussão durou quase vinte minutos, em seguida o “espírito” começou a cantar acompanhado dos outros participantes e pouco a pouco sua voz voltou ao normal. Eles continuaram a cantar até o amanhecer, antes do sol nascer. Uma das mulheres presentes explicou-me que o espírito era o do pai doente, já falecido. Sobre essa sessão, todos foram muito lacônicos e não deram maiores informações. Segundo uma mulher wasusu, os cantos entoados na sessão eram “muito caros”, ou seja, cantados somente em ocasiões excepcionais. Durante o ritual, as crianças permaneceram do lado de fora da casa, e, quando cansadas, elas quiseram entrar para dormir, tiveram que se cobrir completamente com cobertores, pois se vissem os espíritos poderiam correr perigo de morte.

O pesquisador Jean-Pierre Chaumeil esclarece que “para compreender a doença e suas representações no pensamento indígena, deve-se necessaria-

mente passar pelo discurso do xamã que é o único capaz de ver a doença e de descobrir o sentido dos problemas apresentados pelo paciente, problemas que ele deverá interpretar e explicar em termos compreensíveis para os membros do grupo e para o próprio doente. Com efeito, os fenômenos patológicos não podem ser definidos em si, mas nas suas relações com o conjunto das atividades sociais e das representações do grupo” (2000, p. 251).

No que concerne aos Wasusu, observa-se então que a doença é sempre um estado anômalo, causado por agentes externos, e tudo e todos os meios devem ser colocados em prática para que esta seja afastada do corpo ou do espírito do indígena. A doença é igualmente pensada e tratada de forma holística. Os membros do grupo reconhecem com muita facilidade que tipo de doença eles terão que enfrentar. Observam-se, assim, duas categorias de doenças, aquelas trazidas pelo contato com a sociedade envolvente e chamadas pelos membros do grupo de “doença de branco” e as vinculadas a problemas no plano espiritual e as quais os Wasusu denominam “doença de índio”. Para as primeiras, eles utilizam os recursos da farmacopeia ocidental ou das plantas medicinais encontradas na floresta; e para as doenças do segundo tipo, a cura se dá através da intervenção do xamã, que buscará reequilibrar as forças espirituais, buscando restaurar o equilíbrio entre o doente, o grupo como um todo e os espíritos chamados para atuarem na cura. Observa-se igualmente que apesar do intenso contato do grupo com a sociedade envolvente, certas práticas tradicionais como, por exemplo, a da cura xamânica, que esta ainda ocupa um lugar privilegiado no cerne das preocupações dos Wasusu.

REFERÊNCIAS

- CHAUMEIL, Jean-Pierre. *Voir, savoir, pouvoir. Le chamanisme chez les Yagua de l'amazonie péruvienne*. Genève: Georg Editor, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. La vie familiale et sociale des indiens Nambikwara. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 37, p. 1-132, 1948.
- SERAFIM, José Francisco. *Apprentissages de l'enfant et vie quotidienne chez les Wasusu. Une enquête d'anthropologie filmique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2002.

